

A METÁFORA COMO OPERADOR COGNITIVO-DISCURSIVO: UM DIÁLOGO ENTRE A NOVA RETÓRICA E A SEMÂNTICA COGNITIVA EM FRAGMENTOS DE HERÁCLITO

David Rodrigues Vieira Filho (UNEB)

profdavidredacao@gmail.com

Elisângela Santana dos Santos (UNEB)

elssantos@uneb.br

RESUMO

Este trabalho investiga o papel da metáfora e da analogia na estruturação do pensamento e do discurso, propondo um diálogo interdisciplinar entre a Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca, e a Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson. O objetivo principal é analisar como essas duas perspectivas teóricas – uma focada na argumentação persuasiva e a outra na cognição humana – se cruzam na produção de sentido. Metodologicamente, a pesquisa baseia-se em uma análise qualitativa e comparativa de três fragmentos clássicos do filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso (DK 22 B 79, B 91 e B 90), articulando os pares conceituais *foro/tema* e *domínio fonte/domínio alvo*. Os resultados demonstram que, embora possuam naturezas epistemológicas distintas, ambas as teorias convergem ao rechaçar a metáfora como mero ornamento estilístico. A análise evidencia que os aforismos heraclitianos utilizam domínios sensíveis familiares (como a infância, o rio e as trocas comerciais) para mapear e explicar construtos abstratos e complexos (a divindade, o tempo e a transformação cósmica). Conclui-se que a metáfora atua como um operador cognitivo-discursivo essencial, funcionando simultaneamente como mecanismo de organização mental e recurso retórico de convencimento, estabelecendo uma interface indissociável entre cognição e linguagem.

Palavras-chave:

Argumentação. Metáfora Conceptual. Nova Retórica.

RESUMEN

Este trabajo investiga el papel de la metáfora y la analogía en la estructuración del pensamiento y el discurso, proponiendo un diálogo interdisciplinario entre la Nueva Retórica de Perelman y Olbrechts-Tyteca y la Teoría de la Metáfora Conceptual de Lakoff y Johnson. El objetivo principal es analizar cómo estas dos perspectivas teóricas – una centrada en la argumentación persuasiva y la otra en la cognición humana – se interrelacionan en la producción de significado. Metodológicamente, la investigación se basa en un análisis cualitativo y comparativo de tres fragmentos clásicos del filósofo presocrático Heráclito de Éfeso (DK 22 B 79, B 91 y B 90), que articulan los pares conceptuales *foro/tema* y *dominio fuente/domínio meta*. Los resultados demuestran que, si bien poseen naturalezas epistemológicas distintas, ambas teorías convergen en el rechazo de la metáfora como mero ornamento estilístico. El análisis muestra que los aforismos heraclíteos utilizan dominios sensoriales familiares (como la infancia, el río y el comercio) para describir y explicar constructos abstractos y complejos (la divinidad, el tiempo y la transformación cósmica). Se concluye que la metáfora actúa como un operador cognitivo-discursivo esencial, funcionando simultáneamente como mecanismo de organi-

zación mental y recurso retórico para la persuasión, estableciendo una interfaz inseparable entre cognición y lenguaje.

Palabras clave:

Argumentación. Metáfora conceptual. Nueva retórica.

1. Introdução

A metáfora sempre ocupou um lugar de destaque no estudo da linguagem, seja como figura estilística, seja como recurso de persuasão e raciocínio. Na tradição retórica clássica, foi por muito tempo tratada como ornamento linguístico, um desvio em relação ao uso literal da linguagem. No entanto, abordagens mais recentes, como a Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por George Lakoff e Mark Johnson, bem como a Nova Retórica, de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, conferem à metáfora um papel central na organização do pensamento e na constituição dos discursos. Este artigo parte da hipótese de que há intersecções relevantes entre essas duas perspectivas – a retórica e a cognitivista –, especialmente no que diz respeito à maneira pela qual analogia e metáfora operam como estratégias de construção de sentido e de convencimento.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) situam a analogia como uma forma de raciocínio que se baseia em similitudes estruturais, expressas na relação *A está para B assim como C está para D*. Dentro dessa lógica, a metáfora é compreendida como uma forma condensada de analogia, possuindo grande poder argumentativo por sua capacidade de evocar relações e significações de forma implícita. Ainda que distinta da analogia formal, a metáfora, nesse modelo, é inseparável de sua função de estruturação argumentativa e de seu potencial de mobilização afetiva.

Por outro lado, Lakoff e Johnson (1980) propõem uma abordagem que inscreve a metáfora no domínio da cognição, afirmando que ela não se restringe à linguagem, mas estrutura, de forma sistemática, o próprio modo de pensar e experienciar o mundo. A metáfora conceptual é concebida como uma projeção entre dois domínios – domínio fonte e domínio alvo –, permitindo que aspectos de um campo de experiência sejam compreendidos a partir de outro. Ao considerar que metáforas como TEMPO É DINHEIRO ou ARGUMENTAR É GUERREAR são expressões de modelos mentais recorrentes, os autores revelam o caráter estruturante da metáfora na formação do conhecimento.

Diante disso, neste artigo, propõe-se uma análise comparativa entre os conceitos de analogia e metáfora nas obras de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Lakoff e Johnson (1980), buscando evidenciar pontos de conver-

gência e divergência entre suas abordagens. Para isso, estabelece-se um paralelo entre os pares conceituais foro e tema, da Nova Retórica, e domínio fonte e domínio alvo, da Semântica Cognitiva, como forma de articular os modos pelos quais a linguagem figurada opera tanto na argumentação quanto na cognição. Ao final, pretende-se mostrar que, apesar das distinções metodológicas e epistemológicas, ambas as teorias reconhecem a metáfora como um mecanismo fundamental na produção de sentido e na construção da realidade discursiva.

2. *Revisão teórica*

2.1. *A metáfora e a analogia na Nova Retórica*

A obra *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*, de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, datado de 2005, configura-se como uma reformulação e expansão da retórica clássica de Aristóteles, adaptando seus princípios às exigências do discurso racional contemporâneo. Enquanto Aristóteles concebe a retórica como a faculdade de descobrir, em cada caso, o possível meio de persuasão, associando-a ao *logos* e à estrutura tripartida do discurso (*ethos*, *pathos*, *logos*), Perelman e Olbrechts-Tyteca resgatam essa tradição e a ampliam, deslocando o foco do raciocínio demonstrativo para o raciocínio plausível, isto é, aquele voltado à adesão do auditório e não à demonstração objetiva e universal da verdade.

A Nova Retórica propõe, assim, um modelo argumentativo mais flexível e situado, atento às particularidades dos contextos comunicacionais, ao papel do auditório e à pluralidade de valores em jogo. Essa atualização se torna especialmente relevante em sociedades pluralistas, nas quais os consensos são contingentes e a argumentação desempenha papel central na legitimação de decisões. Dessa forma, o projeto perelmaniano não rompe com a tradição aristotélica, mas a revitaliza ao propor uma teoria da argumentação que reconhece os limites da racionalidade formal e revaloriza o papel do discurso na construção do convencimento e na negociação dos sentidos.

Nessa perspectiva, na abordagem proposta por Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005), a linguagem figurada é revalorizada como instrumento argumentativo legítimo, fundamental na produção de sentido e na adesão do auditório à tese proposta. Longe de se restringirem à ornamentação do discurso, a analogia e a metáfora são compreendidas como formas de ligação que permitem ao orador justificar seu ponto de vista, especialmente em contextos em que não se pode recorrer a demonstrações formais.

A analogia, como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), trata-se de uma estratégia discursiva que funda uma estrutura do real, ou seja, que organiza a experiência discursiva de maneira plausível e compartilhável. Nesse sentido, quando o *Tratado da Argumentação*, em sua terceira parte, onde são elencados os tipos de argumento, considera as ligações que fundamentam a estrutura do real, divide-as em duas estratégias: a) o fundamento pelo caso particular, na qual enquadra a argumentação pelo exemplo, a ilustração, o modelo e o antimitelo; b) o raciocínio por analogia, na qual trata da analogia e da metáfora.

Após citar filosofias que atribuíam certo valor ao uso argumentativo da analogia, como Platão, Plotino, na Antiguidade Clássica, e São Tomás de Aquino, na Idade Média, e outras que a viam como uma semelhança de qualidade menor, a exemplo dos filósofos empíricos na Modernidade, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) apresentam uma definição conceitual desse tipo de raciocínio. Segundo eles, a analogia se caracteriza pela similitude de relações estruturais entre termos distintos. Sua fórmula básica – *A está para B assim como C está para D* – permite estabelecer conexões entre universos distintos, oferecendo uma base para transferências de sentido que dão suporte ao argumento.

Talvez essa formulação conceitual lógico-matemática não seja tão facilmente apreensível. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), então, trazem exemplos e conceitos adicionais que facilitam a compreensão. Desse modo, considerando a relação *A está para B assim como C está para D*, propõem chamar de tema o conjunto dos termos A e B, sobre os quais repousa a conclusão; e chamar de foro o conjunto dos termos C e D, que servem para estruturar o raciocínio. Sobre esses conceitos, afirmam: “o foro é mais bem conhecido que o tema, cuja estrutura ele deve esclarecer, ou estabelecer o valor, seja de conjunto, seja valor respectivo dos termos” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 424-25). O foro, portanto, é tirado do domínio sensível, enquanto o tema, do domínio espiritual.

Como exemplo desse tipo de raciocínio, segue uma analogia modelar escrita por Aristóteles: “Assim como os olhos dos morcegos são ofuscados pela luz do dia, a inteligência de nossa alma é ofuscada pelas coisas mais naturalmente evidentes” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 424). Nesse exemplo, o tema seria o conjunto A e B, a saber “inteligência da alma”, “evidências”; enquanto o foro seria o conjunto C e D, “olhos do morcego”, “luz do dia”. Desse modo, a inteligência da alma está para os olhos do morcego, assim como as evidências estão para a luz do dia.

Um detalhe fundamental que é trazido é que, entre tema e foro, há uma relação assimétrica que nasce do lugar por eles ocupado no raciocínio. Assim,

Para haver analogia, tema e foro devem pertencer a áreas diferentes: quando as duas relações que confrontamos pertencem a uma mesma área e podem ser subsumidas sob uma estrutura comum, a analogia é trocada por um raciocínio pelo exemplo ou pela ilustração, pois tema e foro fornecem dois casos particulares de uma mesma regra. (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 425)

Outra característica marcante da analogia é que ela precisa ter, necessariamente, uma relação entre quatro termos. Apesar disso, com frequência, ocorre de haver uma redução para três termos. Isso se configuraria, porém, como um falso problema, pois, na verdade, quando ocorre de haver três termos, um deles figura duas vezes no esquema que fica: *B está para A assim como C está para B*.

Veja-se uma citação de um texto atribuído a Heráclito e trazida por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 427): “O homem, comparado à divindade, é tão pueril quanto à criança comparada ao homem”. Observa-se que o termo comum – “homem” – “convida a situar o tema no prolongamento do foro e a hierarquizá-lo”. Mesmo havendo repetição dos termos, a distinção de domínios, condição necessária para haver uma analogia, mantém-se, posto que o termo comum se dissocia enquanto foro e tema por seu uso diferenciado. “Com efeito, era de se prever que o termo comum, uma vez que seu lugar no foro e no tema o relaciona a termos pertencentes a duas áreas diferentes, assumisse por isso mesmo significados mais ou menos divergentes” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 428).

O essencial em uma analogia, portanto, é a relação entre tema e foro, mesmo que não haja uma relação prévia entre seus termos. Quando há paralelismos entre os termos, a analogia se torna mais rica e propícia a desenvolvimentos. No *Tratado da Argumentação*, a analogia é vista principalmente como uma afinidade estrutural entre domínios diferentes.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) abordam, ainda, os efeitos da analogia, destacando a interação entre tema e foro, que se manifesta por estruturação e transferência de valores entre eles. Segundo os autores, a analogia permite reconstruir temas complexos – especialmente do domínio espiritual – com base em estruturas do domínio sensível, oferecendo uma forma plausível de compreensão quando tais estruturas não podem ser conhecidas diretamente. Isso explica o uso frequente de analogias sensoriais para discutir temas teológicos, como o livre-arbítrio e a graça divina.

Dentro da analogia, os autores situam a metáfora como um caso particular. A metáfora seria, portanto, uma analogia condensada, que oculta os

termos de comparação, concentrando-se na evocação de uma relação subentendida. Seu efeito argumentativo reside justamente nessa condensação, que permite associações rápidas e afetivas entre domínios heterogêneos. Assim, a metáfora não é apenas um artifício estilístico, mas uma operação retórica que cria pontes entre campos de conhecimento distintos, tornando o discurso mais eficaz tanto em termos cognitivos quanto emocionais.

2.2.A metáfora na Teoria da Metáfora Conceptual

Para uma melhor compreensão da metáfora, segundo a perspectiva cognitivista da linguagem, é importante remontar aos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva, doravante LC. Essa abordagem integra diferentes linhas teóricas, como a Semântica Cognitiva e a Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptuais, estudadas por Lakoff e Johnson (1980), entre outras que não serão aqui mencionadas por não fazerem parte do escopo deste artigo.

O estudo da significação sempre enfrentou obstáculos para se estabelecer no campo das pesquisas em linguagens. É verdade que houve um interesse, ainda que tímido, durante a Antiguidade Clássica, quando, por exemplo, a metáfora foi considerada um mecanismo que produz mudanças de significado; entretanto, ao longo da história, presenciou-se um hiato na área dos estudos semânticos até o século XIX. Conforme aponta Santos (2015),

[...] desde o seu surgimento, há mais de cem anos, a Semântica Lexical vem assumindo um rumo multifacetado que se caracteriza, sobretudo, pelos diferentes enfoques dados ao significado no decorrer dos séculos e conforme as teorias linguísticas que predominaram em cada época. Têm-se, como exemplos, a Semântica Estrutural, a Semântica Formal ou Semântica das Condições de Verdade, a Semântica Argumentativa, a Semântica da Enunciação, a Semântica das Condições de Uso, a Semântica Cognitiva, dentre várias outras. (Santos, 2015, p. 13)

Pode-se dizer, portanto, que o estudo da significação ganhou um certo vigor com os Oitocentistas, no seio da Linguística historicista, na qual emergiu a Semântica como um campo científico do conhecimento humano. Entre os estudiosos dessa época, destaca-se Michel Bréal, que publicou em 1897, na França, o seu *Essai de Sémantique, Science des significations*, traduzido para a língua portuguesa como *Ensaio sobre Semântica: ciência das significações*, no qual cunhou os termos *semântica* e *polissemia*; sendo essa obra considerada por alguns autores como texto fundador dessa área do saber.

A principal finalidade dos Oitocentistas, cuja disciplina ficou conhecida como Semântica Pré-Estruturalista, era compreender como e por que os significados das palavras mudam ao longo do tempo. Portanto, o objeto de

estudo dos semanticistas dessa época era o desenvolvimento da significação na linguagem. Segundo Almeida (2020), as características dessa fase dos estudos semânticos eram: compreender a natureza psicológica dos fenômenos da significação; considerar as necessidades comunicativas subjacentes ao significado; levar em conta aspectos culturais e enciclopédicos para entender os fenômenos semânticos; atribuir valor além de ornamental aos tropos da retórica; construir seus estudos a partir de textos antigos de etapas pretéritas das línguas; praticar uma semântica semasiológica dedicada a entender como se desenvolve o conteúdo de uma palavra.

No início do século XX, no entanto, com o florescer das linguísticas formalistas, o estudo semântico voltou a ficar obscurecido e limitado às análises sincrônicas. O Estruturalismo de Saussure, por exemplo, considerava que a mudança semântica não poderia ser sistematizada, embora a reconhecesse como existente. Desse modo, seguindo os preceitos desse novo paradigma, o estudo da significação passou a dar enfoque à linguagem enquanto sistema, prescindindo de elementos como o uso individual, a cultura e a história. Nesse sentido, destaca Santos (2015):

Esse estágio (dos estudos semânticos) diferiu do anterior, exatamente em relação às suas três características. Para os seus seguidores, o estudo do significado não deveria ser atomístico, mas estar voltado para a estrutura semântica; não deveria ser diacrônico, mas sincrônico, e deveria ser autônomo, ou seja, não-psicológico. Portanto, limitava-se às relações internas ao sistema e excluía o referente (a coisa à qual o significado e o significante se referem), a história, e, principalmente, o mundo exterior e o modo como o sujeito o percebia e conceptualizava. (Santos, 2015, p. 15)

Um dos representantes com destaque nessa linha de pensamento foi Trier, o qual formulou em 1931 a teoria dos campos léxicos, a partir do desenvolvimento de ideias saussurianas. Em resumo, como destaca Almeida (2020):

Os estruturalistas, assim sendo, entendiam [...] que para estudar o significado o pesquisador deveria se apoiar na noção de sistema estrutural, uma construção conceitual articulada em campos léxicos, em que as palavras obtinham seu conteúdo semântico ao se opor distintivamente a outras com as quais compartilhavam semas. Portanto, eles concebiam que as palavras não possuíam conteúdo semântico por si só, mas estavam em relação de conjunção e, particularmente, de disjunção, em um dado campo léxico. (Almeida, 2020, p. 28)

O Estruturalismo, contudo, não foi a única teoria formalista sobre a linguagem que surgiu no século XX. No final dos anos 50, apareceu a teoria Gerativista, proposta por Noam Chomsky, a qual passou a coexistir com a teoria inaugurada por Saussure. De acordo com Almeida (2020, p. 30-1), essa nova teoria “considerava que, antes de qualquer outra coisa, a linguagem seria Sintaxe, vista, inclusive, como independente da Semântica”. Me-

nos de uma década mais tarde, porém, Katz, Fodor e Postal (1963–1964) inseriram e desenvolveram a componente semântica na componente sintática de base, promovendo uma reflexão do próprio Chomsky, que, como afirma Almeida (2020, p. 31), “acabou por inserir a componente semântica interpretativa na gramática gerativa transformacional, que se converteu em uma gramática semântico-sintática”.

A teoria desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980), inicialmente apresentada em *Metaphors We Live By*, propõe uma mudança paradigmática na compreensão da metáfora. Em vez de tratar a metáfora como um fenômeno linguístico isolado, esses autores a situam como parte constitutiva da cognição humana. Para eles, a metáfora é um mecanismo fundamental pelo qual é possível compreender e experienciar o mundo. Ela estrutura o pensamento, organiza nossa percepção e orienta nossas ações cotidianas.

A metáfora conceptual opera por meio da projeção sistemática entre dois domínios de experiência: um domínio fonte, geralmente mais concreto, familiar, aquele que já se conhece, e um domínio alvo, normalmente mais abstrato, aquele que se quer conhecer. Por exemplo, na metáfora conceptual ARGUMENTAR É GUERREAR, elementos do domínio da GUERRA (ataque, defesa, estratégia, vitória) são projetados sobre o domínio da ARGUMENTAÇÃO, estruturando nossa maneira de compreender e falar sobre o ato de argumentar.

Lakoff e Johnson (1980) demonstram que esse tipo de estrutura metafórica é recorrente, sistemática e culturalmente compartilhada. Metáforas como TEMPO É DINHEIRO, VIDA É UMA JORNADA, O AMOR É UMA FORÇA FÍSICA ou O CÉREBRO É UM COMPUTADOR não são meras figuras de linguagem, mas refletem e moldam formas habituais de pensar e agir. Em outras palavras, não vivemos apenas com metáforas — vivemos por meio delas.

A força dessa teoria reside na articulação entre linguagem, experiência e cognição. Diferentemente da perspectiva retórica, que se preocupa prioritariamente com os efeitos persuasivos e organizadores do discurso, a Semântica Cognitiva propõe uma visão internalista da metáfora: ela é uma estrutura mental que antecede a linguagem e se manifesta linguisticamente como sintoma de processos mentais mais profundos.

Nessa abordagem, os domínios de projeção da metáfora conceptual se aproximam, funcionalmente, dos conceitos de foro e tema na Nova Retórica. O domínio fonte assume o papel de foro – aquilo que fornece a estrutura a partir da qual se compreende o alvo –, enquanto o domínio alvo é o tema, aquilo que se pretende explicar ou compreender. Tal aproximação será explorada mais detidamente na seção seguinte, dedicada à análise comparativa.

3. *Análise comparativa: Metáfora como estratégia cognitiva e argumentativa*

A metáfora, nas teorias de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e de Lakoff e Johnson (1980), ocupa um lugar de centralidade na construção do sentido. Contudo, o estatuto conceitual que lhe é atribuído, bem como sua função teórica, divergem substancialmente entre os dois modelos. Essa seção tem como objetivo discutir as aproximações e diferenças fundamentais entre as concepções retórica e cognitiva da metáfora, focalizando os pares conceituais foro/tema e domínio fonte/domínio alvo como chaves de articulação entre os sistemas.

3.1. *Convergências: projeção de domínios e construção de sentido*

Tanto a Nova Retórica quanto a Teoria da Metáfora Conceptual reconhecem que a metáfora estabelece uma ponte entre domínios distintos de conhecimento ou experiência. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), ao inserirem a metáfora dentro da categoria de raciocínio por analogia, argumentam que ela opera uma transposição semântica entre dois universos discursivos, tornando possível compreender o novo ou o abstrato com base em algo já conhecido. Nesse sentido, o foro funciona como o espaço de legitimidade a partir do qual se projeta uma significação sobre o tema.

De modo análogo, Lakoff e Johnson (1980) propõem que a metáfora conceptual realiza uma projeção sistemática do domínio fonte sobre o domínio alvo, permitindo estruturar cognitivamente experiências complexas, mais abstratizadas, a partir de estruturas menos abstratas ou mais concretas, físico-espaciais. Ambos os modelos, portanto, reconhecem o caráter relacional e projetivo da metáfora, bem como seu potencial de tornar compreensível aquilo que não é imediatamente acessível à percepção ou ao entendimento.

Essa convergência evidencia um ponto teórico relevante: em ambas as abordagens, a metáfora é vista como um operador de sentido. Ainda que a Nova Retórica a situe predominantemente no plano da argumentação, e a Semântica Cognitiva a integre à estrutura da cognição, ambas reconhecem que a metáfora não apenas representa, mas produz significados – seja persuadindo um auditório, seja estruturando modos de pensar.

3.2. *Divergências: locus teórico e função da metáfora*

As divergências entre os modelos situam-se, sobretudo, no *locus* teórico e na função atribuída à metáfora. Na Nova Retórica, o enfoque recai sobre o discurso e sua eficácia. De acordo com essa abordagem, a metáfora é

um recurso argumentativo utilizado para gerar adesão, despertar emoções, facilitar a compreensão e fortalecer o vínculo entre orador e auditório. Sua função é essencialmente pragmática e intersubjetiva: visa ao convencimento dentro de um contexto retórico.

Já na Teoria da Metáfora Conceptual, a metáfora tem um papel estruturante no próprio pensamento. Antes mesmo de ser enunciada linguisticamente, ela já está presente na forma como os conceitos são organizados na mente. Trata-se, portanto, de uma estrutura cognitiva anterior à linguagem – embora se manifeste linguisticamente. Nesse sentido, sua função não é apenas discursiva, mas epistemológica: a metáfora organiza a experiência e estrutura modelos mentais.

Há, também, uma diferença na ênfase quanto ao status da analogia. Enquanto Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) consideram a metáfora uma forma condensada de analogia – ou mesmo uma analogia implícita –, Lakoff e Johnson (1980) não sustentam tal dependência formal. Para os autores da Semântica Cognitiva, a metáfora conceptual não se reduz à analogia clássica, pois não opera apenas por similaridade estrutural, mas por mapeamento sistemático de esquemas imagéticos entre domínios conceptuais.

3.3. Implicações conceituais: Metáfora entre cognição e retórica

A comparação entre os dois modelos revela que a metáfora pode ser compreendida de modo mais amplo como um fenômeno situado na interface entre cognição e retórica. A perspectiva retórica ilumina os aspectos estratégicos e relacionais do uso metafórico, centrando-se na dimensão intersubjetiva da linguagem. Já a perspectiva cognitiva evidencia os aspectos estruturais e encarnados da metáfora, compreendendo-a como uma ferramenta fundamental para o pensamento abstrato.

Essa complementaridade aponta para uma concepção integradora da metáfora como mecanismo de transposição entre domínios, que atua simultaneamente no plano mental e no plano discursivo. Ao considerar a metáfora como simultaneamente cognitiva e argumentativa, torna-se possível compreender como ela participa da construção do conhecimento e da produção de consenso, articulando o individual e o coletivo, o conceitual e o comunicacional.

Cabe salientar, entretanto, que, embora funcionalmente equivalentes na análise, o Domínio Fonte (cognitivo) é uma estrutura mental encarnada, enquanto o Foro (retórico) é uma construção discursiva intencional. Esta diferença ontológica é crucial: enquanto a Semântica Cognitiva explica a estrutura mental que torna a metáfora possível, a Nova Retórica explica a

intencionalidade persuasiva do uso metafórico. Conclui-se, portanto, que as metáforas de Heráclito, a serem analisadas a seguir, operam tanto como operadores cognitivos quanto como operadores retóricos.

4. *Análise de fragmentos de Heráclito*

Os fragmentos de Heráclito oferecem ilustrações ricas de analogia e metáfora que se alinham perfeitamente com as perspectivas da Nova Retórica e da Semântica Cognitiva. Três fragmentos são especialmente relevantes para o artigo: (i) o já citado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), (ii) o fragmento do rio e (iii) o fragmento do fogo. Para cada um deles, apresenta-se uma análise que articula os pares conceituais foro/tema (Nova Retórica) e domínio fonte/domínio alvo (Semântica Cognitiva), demonstrando empiricamente a tese proposta: a metáfora como operador cognitivo-discursivo de transposição entre domínios.

Fragmento 1 – “O homem, comparado à divindade, é tão pueril quanto a criança comparada ao homem”. (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005)¹

Esse texto é apresentado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 427) como exemplo clássico de analogia com redução para três termos, segundo o esquema: B está para A assim como C está para B; B está para A assim como C está para B; em que B = “homem”, A = “divindade”, C = “criança”.

Em uma análise na Nova Retórica, no fragmento citado, os temas seriam “homem” (A) e “divindade” (B), enquanto os foros seriam “criança” (C) e “homem” (B). Nesse contexto, o termo “homem” opera simultaneamente como foro e tema, mas com significados diferentes: como foro, representa o ser humano em relação à criança (domínio sensível); como tema, representa o ser humano em relação à divindade (domínio espiritual). A analogia estrutura um tema complexo (a ignorância humana em relação à divindade) com base em um domínio sensível (a puerilidade da criança em relação ao adulto), ratificando a função argumentativa da analogia na Nova Retórica.

Já em uma análise a partir da Semântica Cognitiva, tem-se o domínio fonte: criança ↔ homem (relação de puerilidade e subordinação); e o domínio alvo: homem ↔ divindade (relação de ignorância e distância cosmológica). Nesse caso, a metáfora subjacente é O HUMANO É UMA CRIANÇA EM RELAÇÃO À DIVINDADE, que projeta a estrutura de limitação e su-

¹ Esse fragmento, na versão de José Cavalcante de Souza, usada nesse trabalho, é traduzido: “O homem como uma criança ouve o divino, tal como a criança o homem” (Fragmento 79 – DK 22 B 79).

bordinação do domínio familiar (criança/adulto) sobre o domínio abstrato (homem/divindade). O fragmento confirma que a metáfora conceptual opera por mapeamento sistemático entre domínios distintos, conforme propõe Lakoff e Johnson (1980).

Fragmento 2 – “Em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo” (Fragmento 91 – DK 22 B 91)

Este é um dos fragmentos mais célebres de Heráclito, que expressa a ideia de mudança constante e fluxo da realidade.

Ao analisar esse fragmento pela ótica da Nova Retórica, o rio é utilizado como analogia para o tempo, a vida ou a existência humana. Desse modo, os temas seriam homem (A) e tempo/vida (B) e os foros seriam rio (C) e água/fluido (D). Partindo dessa ideia, a analogia é: Assim como o rio muda constantemente (água nova), assim a vida/história muda constantemente. A metáfora condensada é A VIDA É UM RIO, que evoca a relação de fluxo e transformação, tornando um conceito abstrato (mudança na existência) compreensível por um domínio sensível (curso de água).

Por outro lado, analisando o mesmo fragmento pela ótica da Semântica Cognitiva, tem-se o domínio fonte: rio (fluxo contínuo de água, alteração permanente); e domínio alvo: vida/tempo (fluxo contínuo de eventos, não repetição). Nessa relação, a metáfora conceptual O TEMPO É UM RIO projeta características do domínio fonte (movimento, não repetição, mudança) sobre o domínio alvo, estruturando a compreensão temporal como um processo dinâmico e não repetitivo. Isso é típico de metáforas que operam por mapeamento imagético, conforme Lakoff e Johnson (1980).

Fragmento 3 — “Por fogo se trocam todas (as coisas) e fogo por todas, tal como por ouro mercadorias e por mercadorias ouro.” (Fragmento 90 – DK 22 B 90)

Neste fragmento, Heráclito elege o fogo não apenas como um elemento físico, mas como o princípio ontológico da transformação cósmica, valendo-se de uma analogia de quatro termos surpreendentemente exata para ilustrar o dinamismo do universo.

Segundo uma análise a partir da Nova Retórica, tem-se aqui a manifestação literal e perfeita da fórmula “A está para B, assim como C está para D”. Categorizando os conceitos analíticos de Perelman e Tyteca (2005), tem-se: tema, Fogo (A) e todas as coisas do cosmos (B) – pertencentes ao domínio filosófico abstrato da ontologia e da matéria universal; foro, ouro (C) e mercadorias (D) – pertencentes ao domínio sensível e social das transações comerciais humanas.

A analogia estrutura-se da seguinte forma: *Assim como o ouro é a medida de troca universal para todas as mercadorias, o fogo é o princípio universal de troca e transformação de todas as coisas na natureza*. A metáfora condensada que deriva dessa analogia poderia ser expressa como O FOGO É A MOEDA DA NATUREZA. Ela permite que um conceito filosófico de altíssima complexidade (a equivalência cósmica e a conservação da matéria no fluxo incessante) seja perfeitamente compreendido pelo auditório grego por meio de uma atividade humana cotidiana: o comércio.

Sob outra ótica, a da Semântica Cognitiva, o fragmento revela uma projeção metafórica sofisticada. De um lado está o domínio fonte: Transação comercial (circulação de riquezas, padrão de valor métrico estabelecido pelo ouro, equivalência em trocas concretas); do outro, o domínio alvo: Transformação cósmica (o fluxo da existência, a mutação dos elementos físicos e a constante universal).

A metáfora conceptual A MUDANÇA CÓSMICA É UMA TRANSAÇÃO COMERCIAL projeta a estrutura do domínio fonte sobre o domínio alvo. A cognição humana apreende a inconstância do universo não como um caos aleatório, mas como um sistema de 'trocas equivalentes' devidamente regulado e mensurável (a permutabilidade mútua entre o fogo e todas as coisas). Ao invés de usar uma imagem puramente poética, o pensamento metafórico aqui organiza a experiência do cosmos a partir de um modelo mental prático e familiar.

Esses três fragmentos demonstram que Heráclito utiliza analogia e metáfora de forma sofisticada, alinhando-se tanto à perspectiva retórica (estruturação de temas complexos, como subordinação divina, tempo e equivalência cósmica, por meio de domínios sensíveis) quanto à cognitiva (projeção sistemática e estruturante entre domínios). Eles confirmam empiricamente a tese do artigo: a metáfora não é ornamento, mas mecanismo fundamental de construção de sentido, operando simultaneamente na cognição e na argumentação.

5. Considerações finais

A análise comparativa entre a concepção de metáfora presente na Nova Retórica, de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005), e a Teoria da Metáfora Conceptual, de George Lakoff e Mark Johnson (1980), permite lançar luz sobre a complexidade desse fenômeno linguístico e cognitivo, revelando sua natureza multifacetada. Embora partam de tradições teóricas distintas – a Retórica Argumentativa e a Linguística Cognitiva –, ambos os modelos conferem à metáfora um papel fundamental na constituição do sen-

tido, convergindo na compreensão de que ela não se reduz a um mero ornamento linguístico, mas atua como mecanismo estruturante do pensamento e do discurso.

Foram os objetivos deste trabalho: (i) analisar os conceitos de analogia e metáfora nas duas obras; (ii) estabelecer um paralelo entre os pares conceituais foro/tema e domínio fonte/domínio alvo; e (iii) demonstrar, por meio da análise de fragmentos de Heráclito, que a metáfora opera como operador cognitivo-discursivo de transposição entre domínios. Em todos três pontos, os resultados confirmam a hipótese inicial: a metáfora é, simultaneamente, estrutura cognitiva e recurso argumentativo.

Entre os ganhos teóricos dessa confrontação, destaca-se a possibilidade de articular os conceitos de foro e tema, da retórica perelmaniana, com os de domínio fonte e domínio alvo, da metáfora conceptual. Essa aproximação permite uma leitura interdisciplinar que reforça a ideia de que a metáfora é um operador cognitivo-discursivo que projeta estruturas de um campo de experiência sobre outro, tanto para facilitar a compreensão quanto para persuadir. A metáfora, nesse quadro ampliado, revela-se como interface entre cognição e retórica, entre mente e linguagem, entre indivíduo e sociedade.

A análise dos fragmentos de Heráclito revelou, empiricamente, a pertinência da tese proposta. Os três fragmentos examinados – (i) homem/divindade, (ii) rio e (iii) fogo – demonstram que a metáfora e a analogia são utilizadas de forma sofisticada para estruturar temas complexos (existência, tempo, mudança universal) com base em domínios sensíveis (criança/adulto, curso de água, transformação do fogo). Além disso, confirmam que o mapeamento entre domínio fonte e domínio alvo é sistemático e culturalmente compartilhado, atendendo à perspectiva cognitiva de Lakoff e Johnson (1980).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A semântica cognitiva sócio-histórica: antecedentes, estudo da arte e propostas para o futuro. In: ____; SANTANA, N.M.O. (Orgs). *Semântica cognitiva sócio-histórica: Estudos sobre o significado*. Salvador: EDUNEB, 2020.

DIELS, Hermann; KRANZ, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 6. ed. Berlim: Weidmann, 1951-1952. 3 v.

HERÁCLITO. Fragmentos (Sobre a natureza). Trad. de José Cavalcante de Souza. In: SOUZA, J.C. de (Org.). *Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. de Sandra Mara Corazza. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2002.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. *Estudos sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX*. Tese. UFBA, 2019.

SANTOS, Elisângela Santana dos. O estudo do significado sob a perspectiva da Linguística/Semântica Cognitiva. *Pontos de Interrogação*, v. 5, n. 1, jan./jul. 2015.

SANTOS, Elisângela Santana dos. A polissemia de vírus dos oitocentos ao tempo *do novo coronavírus*: um estudo sob a perspectiva da semântica cognitiva sóciohistórica. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/viewFile/44309/24477>.